

RESENHA

O necessário retorno às “Cartas da Mãe” de Henfil

George Gomes Coutinho*

MALTA, Marcio. *Diretas jaz: o cartunista Henfil e a redemocratização através das “Cartas da Mãe”*. Niterói: Muiraquitã, 2012, 168 páginas

“(...) todas as coisas boas riem”
F. Nietzsche

Decerto o longo ciclo de vigência da ditadura civil-militar brasileira foi alvo de reflexões diversas do pensamento político-social brasileiro em diferentes formatos e ocasiões. Seja ainda antes do momento propriamente da ocorrência da suspensão do curto interregno democrático no país, refiro-me a “*Quem irá dar o golpe no Brasil*” de Wanderley Guilherme dos Santos em 1962, ou ainda no calor do desenrolar dos fatos deste período especialmente difícil, vide o clássico “*A revolução Burguesa no Brasil*” de Florestan Fernandes publicado em 1974, os intelectuais dentro ou fora da academia não cansaram de analisar e/ou denunciar o estado de coisas que então se configurava.

Esta reflexão, que não se restringiu ao espaço interno da Universidade, obteve expressões importantes também na (re)produção dialética do universo simbólico e cultural no espaço público ainda suscitando discussões. Seja pela sua criatividade, seja pelo esclarecimento ou engajamento das/nas formas e estratégias de resistência nas franjas de um aparato repressivo de violência institucionalizada, a produção artística e literária do período inspira o constante revisitar dos pesquisadores de gerações diversas até os dias que correm. Inclusive, como vaticina o antigo e incômodo adágio marxiano, por compreender que o esquecimento é o irmão mais próximo do atavismo no qual a tradição dos mortos oprime como um pesadelo o pensamento dos vivos.

É nesta seara que o livro *Diretas jaz: o cartunista Henfil e a redemocratização através*

* Professor Assistente de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais da UFF/Campos dos Goytacazes-RJ. Doutorando em Ciência Política no PPGCP/DCP/UFF Niterói-RJ.

das “*Cartas da Mãe*” se embrenha. Tendo por recorte histórico o crepúsculo da ditadura civil-militar de 1964, a ambição do autor envolve reconstruir, utilizando de vasto material documental, o posicionamento de um agente relevante e atuante no espaço público da época de modo a auxiliar no esclarecimento das opções institucionais e políticas adotadas naquela conjuntura específica. Esta estratégia de abordagem já foi largamente utilizada, inclusive em produções dotadas de caráter notadamente memorialista. Todavia, não é esta a intenção do autor. Na verdade, o que se apresenta no trabalho para o leitor ganha ares de uma subversiva novidade.

Primeiramente, trata-se de uma tese da área de Ciência Política publicada em livro. Os partícipes deste campo específico das Ciências Sociais não devem reconhecer de imediato a obra em tela dotada de afinidades com as investigações publicizadas pelo *mainstream*. Em verdade, as opções adotadas pelo autor enveredam, a um só tempo, pela utilização do instrumental analítico fornecido pela historiografia e também pela produção teórica que compreende o fenômeno político como *multivariado*, entremeado por compreensões situadas para além do espaço institucional formal de sua reprodução. Ou, em outros termos, como diria Charles Taylor, as *avaliações fortes* aqui importam para explicar o fenômeno. Portanto, o fenômeno político é *desinsulado* e se reencontra fortemente com suas raízes socioculturais, elementos estes primordiais para compreendermos os complexos processos de legitimação/deslegitimação do poder.

Ainda, o próprio autor não se situa somente na academia. Marcio Malta, o professor universitário e pesquisador do fenômeno político, é também cartunista, tendo passado pelo infelizmente já falecido projeto “Pasquim 21” orquestrado por Ziraldo. Estas combinações entre ciências sociais e arte, entre pesquisador e artista, embora não obrigatórias, certamente produzem um *taste* interessante de sensibilidade. Os exemplos que ocorrem são ilustres. Howard Becker e sua relação com o jazz, Theodor W. Adorno e a composição musical, Edward Said e sua intimidade com o piano. Porém, todos situados diante da música como expressão de pesquisa ou existencial. Malta, ou mais conhecido como “Nico” em sua atividade de desenhista, milita nesta indisciplinada arte que é o *cartoon*, a caricatura, tal como o personagem central de seu livro.

Retomando a obra, a mesma é dividida em duas partes. A primeira nos apresenta o caminho por vezes acidentado da delimitação do instrumental analítico e da abordagem interpretativa teórica. Trata-se de circundar o período de análise e a escolha das fontes primárias: as hoje míticas “*Cartas da Mãe*”, publicadas por Henfil no semanário “Isto é”

entre os anos de 1977 a 1984. Também nesta primeira parte se reafirma a opção pela Ciência Política “para além do institucional”, devidamente entremeada pela historiografia de inspiração britânica e sua “Escola de História Social”, na qual a narrativa de reconstituição do período faz a opção pelo olhar “dos de baixo”, em clara oposição “aos de cima” e a leitura oficial desta conjuntura. Porém, é na parte dois que se encontra a joia da coroa: o olhar detido e atento das cartas de Henfil e o entrecruzamento com a conjuntura da época.

Nesta segunda parte, embora Malta procure se fixar especialmente no período do movimento das “Diretas Já”, portanto compreendendo os anos de 1981 a 1984, o bem sucedido trabalho de reinterpretação das “Cartas da Mãe” apresenta dados anteriores à conjuntura supracitada. As informações biográficas da família Souza focando em Henrique de Souza Filho, futuramente batizado simplesmente de Henfil pelo jornalista e dramaturgo Roberto Drummond, e em D. Maria da Conceição Figueiredo Souza, a mãe do caricaturista mineiro e destinatária das “Cartas”, são apresentadas de forma não exaustiva e delicada, onde se pode compreender a relação afetiva entre mãe e filho que permitiu o empreendimento da coluna na “Isto é”. Vale destacar que nesta recomposição da origem social de Henfil, onde é citada a filiação primária ao catolicismo enquanto *visão-de-mundo* e a participação deste na JEC (Juventude Estudantil Católica), nos auxilia a situarmos o autor em suas próprias criações, vide, por exemplo, os hilários e cítricos “Fradinhos”.

Após este breve conteúdo biográfico-existencial, é inventariada a produção das “Cartas da Mãe” como uma leitura peculiar que permite o entendimento do complexo movimento político nos anos em que foram produzidas. Convidado por Mino Carta para assumir a última página da “Isto é”, onde poderia não só publicizar as cartas para D. Maria, mas também seria permitido ilustrar com sua produção gráfica, Henfil discorre sobre diversos personagens reais, variando-os no decorrer das conjunturas políticas, por vezes com um tom mais dramático e, em outros momentos, sendo contraditório, belicoso ou cinicamente amável. Inclusive, o afeto cínico como forma de se aproximar e dialogar com o poder instituído de forma coloquial com os detentores de cargos relevantes foi também utilizado pelo humorista Chico Anysio como artifício para fazer críticas contundentes utilizando o corpo e a voz da personagem “Salomé”. Retornando a Henfil, a despeito da variação do repertório de humores que utiliza, nada retira a permanência sempre ácida de sua prosa. Inclusive, a ciranda de personagens, que vão

desde o general João Baptista Figueiredo, passando por Tancredo Neves ou mesmo Gilberto Gil, ilustra o protagonismo destes nos diversos momentos de produção das “Cartas” e o posicionamento de Henfil a respeito. Porém, mais do que isso, as “Cartas”, seletivamente discutidas por Malta, expressam a representação simbólica que estes personagens ocupavam em parte do imaginário da esquerda brasileira do período.

Especialmente quanto ao movimento das “Diretas Já”, a produção de Henfil reorganizada por Malta revela as nuances e contradições deste que é apresentado usualmente como um dos “maiores movimentos cívicos” brasileiros. Não desconsiderando o entusiasmo de Henfil, expresso em diversos momentos, o desenrolar dos acontecimentos deriva em um sentimento de desalento melancólico, expresso em crônicas ou desenhos, dada a frustração produzida por um processo negociado no qual o “Povo”, o grande ator-símbolo que o memorável cartunista acreditava representar, torna-se excluído de participar de processos decisórios mais decisivos. Expressões como “transação”, ao invés de “transição”, ou mesmo a indignação com possíveis processos de compra de votos pelo que chamava de “300 camelôs”, os representantes do Colégio Eleitoral, são largamente utilizadas. Inclusive a dura crítica do que alcunhou de “política de palanques”, na qual a política espetacularizada ganhava terreno ante o esvaziamento do conteúdo discursivo propriamente progressista.

Em suma, trata-se de um trabalho no qual é possível observar por um olhar não usual a disputa de hegemonia vigente no período, disputa essa que fere de morte as “Cartas da Mãe”. Sendo Henfil um defensor aguerrido das eleições diretas para presidente, com a guinada da linha editorial da “Isto É” em prol da construção positiva e redentora da imagem de Tancredo Neves e por uma “transição negociada”, o caricaturista vive o impasse profissional: ou retira o último de seus trabalhos enviados, onde havia profunda crítica ao candidato largamente apoiado por diversos setores, ou permite sua página na revista morrer por inanição. A história mostrou que foi esta a opção escolhida, na qual de forma indireta o livro na narrativa clara e agradável de Malta leva água a possíveis debates de profunda relevância nesta conjuntura acerca da democratização da mídia e de uma liberdade não só de imprensa, mas também na imprensa.